

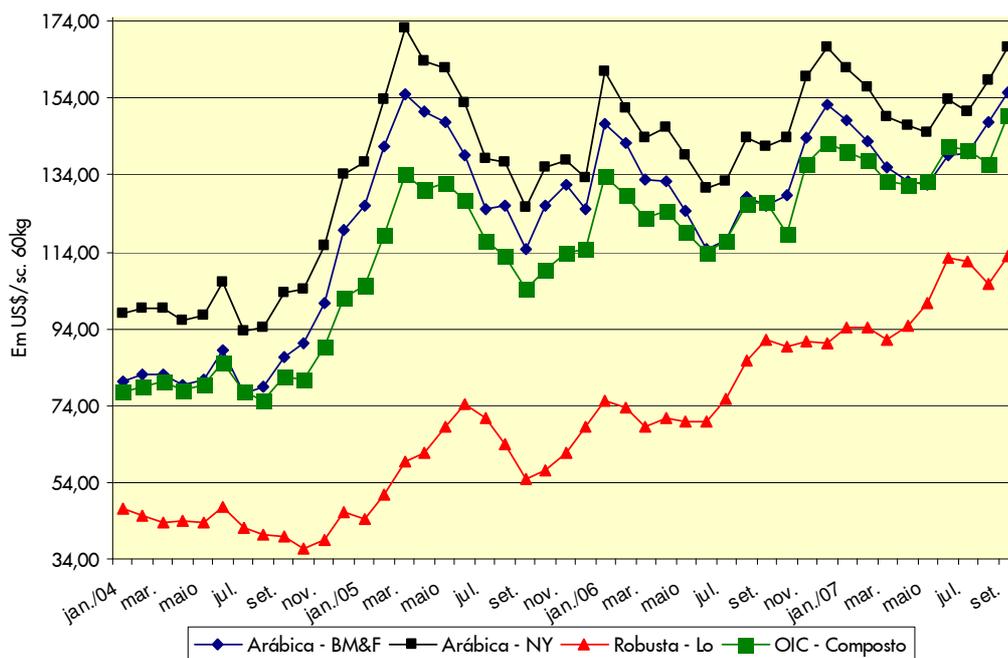


## **Café: estariam as cotações refletindo a ausência de precipitações?**

### **1 - Análise das Cotações**

Em setembro as cotações do café, nas bolsas em que o produto é transacionado, mantiveram-se pressionadas exibindo alta nos diferentes mercados. Em Nova Iorque, por exemplo, o Contrato C - Segunda Posição, avançou US\$8,57/sc. no mês (incremento de 5,40%), saltando de US\$158,55 em agosto para US\$167,12 em setembro. Esse patamar aproxima-se daquele observado em março de 2005, quando a saca alcançou cotação de US\$172,10 para o mesmo contrato e posição (Figura 1). A principal vertente explicativa desse aumento relaciona-se ao momento de incerteza do mercado diante da ausência de precipitações significativas nos principais cinturões cafeeiros. Entretanto, outras análises esgrimidas por operadores do mercado financeiro atribuem essa guinada no mercado a condicionantes de outra natureza. Esses analistas vinculam o movimento de alta ao maior interesse dos fundos em ampliar sua exposição em contratos de *commodities* agrícolas. Tal hipótese encontra sustentação no montante de recursos financeiros que os fundos diariamente movimentam. Pequeníssimas mudanças na composição das carteiras, mais 0,5% por exemplo, representam centenas de bilhões de dólares a mais injetados no mercado, modificando estruturalmente toda a sua dinâmica. Provavelmente, ambas ocorrências, ou seja, ausência de precipitações significativas nos principais cinturões cafeeiros do país e a investida dos fundos no mercado de *commodities*, juntas, formem o atual contexto de escalada das cotações.

Na Bolsa de Londres, as cotações médias do café robusta, em setembro de 2007, recuperaram a queda observada em agosto, subindo 6,23% em setembro. Porém, ao contrário do café arábica (cujas cotações ainda não recuperam as perdas ocorridas no ano), o robusta exibe ganho de 19,13% no mesmo período.



**Figura 1** - Cotações Médias Mensais do Café em Diferentes Mercados de Futuros (Segunda Posição) e do OIC-Composto Diário, Janeiro de 2004 a Setembro de 2007

**Fonte:** Elaborada a partir de dados da Gazeta Mercantil<sup>2</sup>.

Na BM&F, o arábica, exibiu avanço similar aos observados em Nova Iorque, uma vez que as cotações subiram 5,17% (Contratos Futuros de 2ª Posição), estabelecendo a média de US\$155,29sc./60kg em setembro de 2007. No ano, com esse aumento na cotação média de setembro, a bolsa paulista exibiu ganho de 5,35%. Nos últimos doze meses, as cotações exibem ganho de 22,40% bastante acima dos ganhos observados no ano na Bolsa de Nova Iorque (com 17,99%). A forte expansão do consumo interno com taxas de crescimento próximas de 4% ao ano e a substancial queda nos estoques (públicos e privados) são os fatores responsáveis pela procura de contratos de café na BM&F e, conseqüentemente, pressão altista sobre as cotações.

O indicador da Organização Internacional do Café (composto diário) apresentou forte elevação de 9,50% em relação à média do índice de agosto de 2007. No acumulado dos últimos 12 meses, esse indicador registra crescimento positivo de 18,67%, com ganho no ano de 7,50%.

Finalmente, no mercado físico paulista, conforme dados do Instituto de Economia Agrícola, os preços pagos aos cafeicultores em setembro de 2007 exibiram incremento de apenas 3,93%, abaixo, portanto, dos aumentos observados em Nova Iorque e da BM&F. Os US\$130,47/sc. pagos no mercado paulista (tipo 6, bebida dura, média de quatro regiões produtoras), situando-se US\$25/sc. abaixo do mercado futuro da BM&F. Esse diferencial poderia encurtar caso as cooperativas e produtores estivessem atuando de forma mais consistente

no mercado de opções e com isso estabelecendo nova sinalização para a formação dos preços nos mercados locais/regionais.

## 2 - A Escalada da Inflação e a Renda dos Cafeicultores

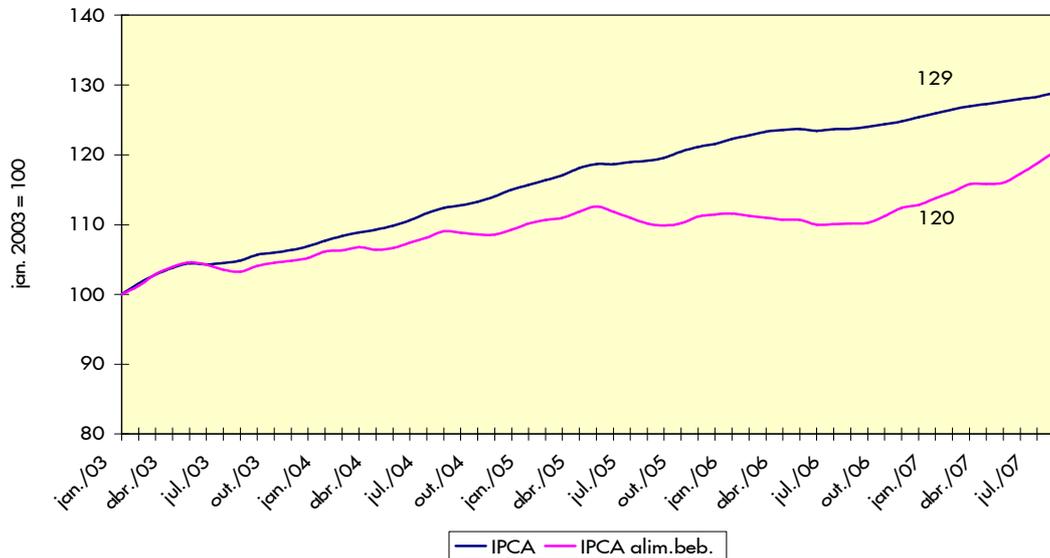
Nos últimos meses, assistiu-se a impressionantes elevações nas cotações das *commodities* negociadas nas principais bolsas internacionais. Capitaneadas pelo trigo (afligido por distúrbios climáticos da safra australiana), desvio da produção de milho estadunidense para elaboração de biocombustíveis, somada à inflação de demanda por alimentos na China, constituiram cenário para o encarecimento dos itens que compõem a dieta global. Essa escalada alcançou também o café, ainda que menos devido à estiagem que começa a descontar o enorme potencial produtivo esperado (reflexos de se tratar de um ano de alta produtividade e substancial incremento nas aquisições de fertilizantes para aplicar nas lavouras - até agosto contabilizava aumento de 15% frente ao ano anterior), mas sobretudo devido a fatores de ordem financeira, espúrios ao contexto dos agronegócios.

Provocadas pelas perdas financeiras incorridas pelos fundos em suas posições com imóveis nos EUA, há um redirecionamento dessas aplicações especulativas. As *commodities* agrícolas, surgem, portanto, como um dos poucos portos seguros disponíveis no esforço de preservação do valor do investimento dos acionistas e esse tem sido o principal motor da exuberante cotação das *commodities*, inclusive do café.

A repercussão desse fenômeno passou a ser captada pelos indicadores de evolução da inflação no Brasil. O Índice de Preços no Atacado (IPCA), exibe trajetória positiva, imposta pela aceleração da remarcação de preços dos alimentos e bebidas. Tendo por base janeiro de 2003, a inflação acumulada pelo IPCA até agosto de 2007, incrementou-se em 29% enquanto os alimentos e bebidas atingiram 20% de acréscimo. Essa diferença, porém, encontra-se em franca recuperação, pois esse diferencial há doze meses atrás superava 13 pontos nessa base de comparação (Figura 2).

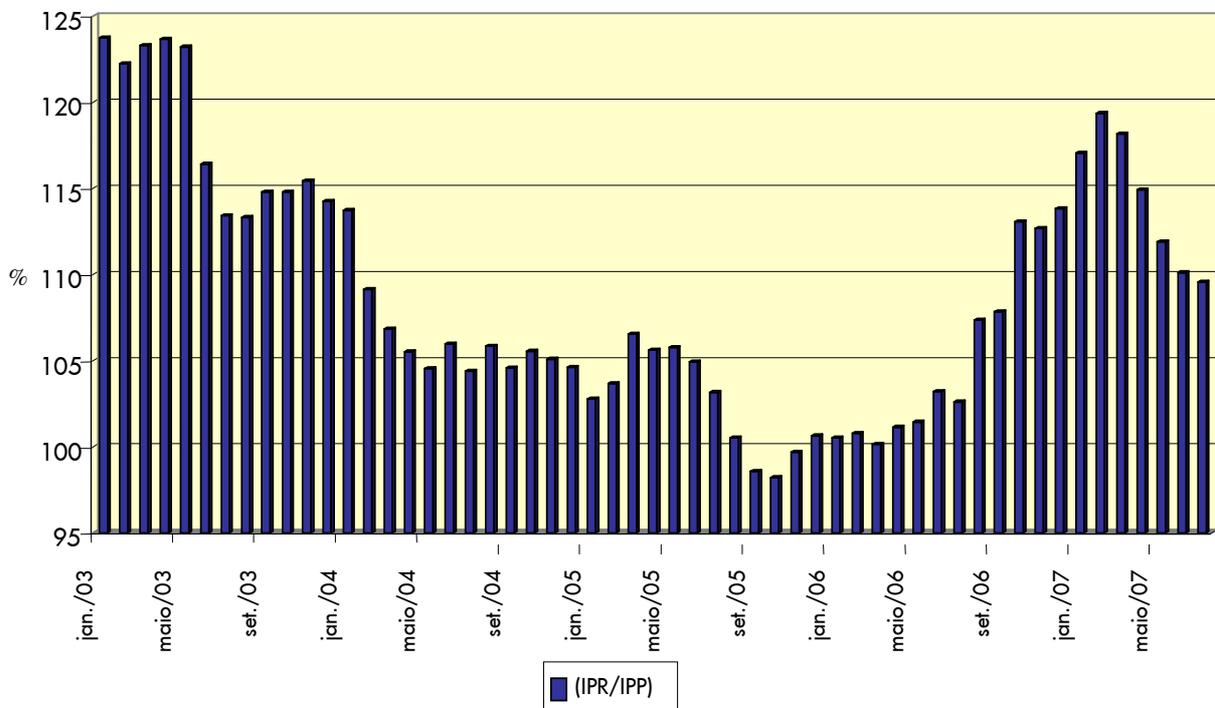
A recuperação dos termos de troca dos produtores rurais pode ser constatada pela evolução do quociente que relaciona o índice de preços recebidos com o índice de preços pagos (Figura 3). Desde março de 2006 a paridade do quociente pende para os preços pagos, evidenciando que os produtores rurais estão cursando trajetória de recuperação de sua renda, tendência que se arrefeceu a partir de fevereiro de 2007, quando começou a ocorrer queda do quociente, porém mantendo-o muito acima da paridade. Para os cafeicultores, muito ainda falta para se alcançar um definitivo equilíbrio financeiro, pois foram muitas as safras em que a

rentabilidade líquida da exploração, quando não esteve próxima de zero, jamais alcançou dois dígitos percentuais, inclusive nas propriedades sob gestão familiar, sabidamente, as mais competitivas do agronegócio café.



**Figura 2** - Trajetória do IPCA, Geral e Alimentos e Bebidas, Brasil, Jan. 2003 a Ago. 2007.

**Fonte:** Elaborada a partir de dados básicos da Fundação Getúlio Vargas<sup>3</sup>.

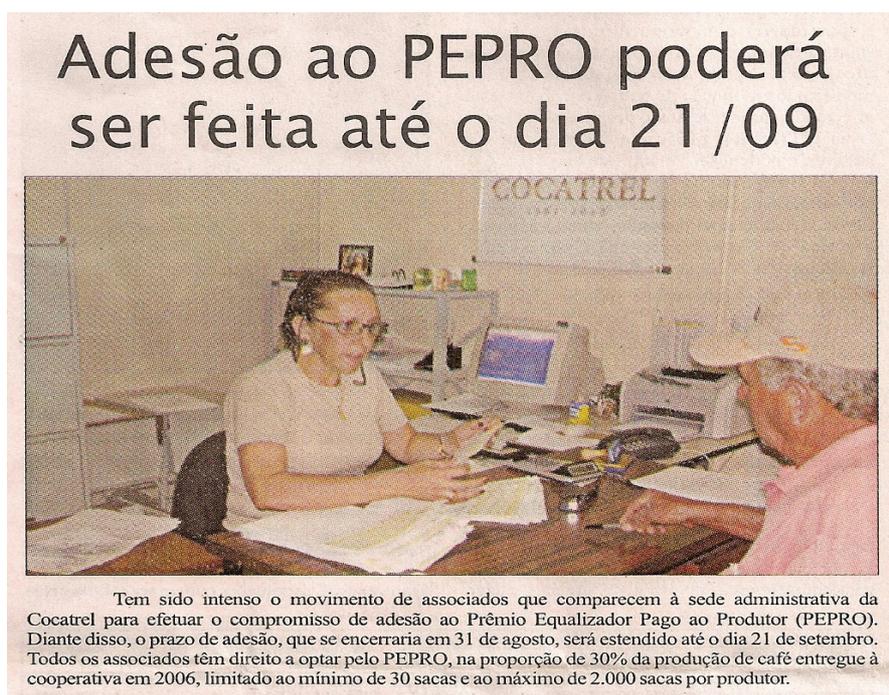


**Figura 3** - Quociente entre o Índice de Preços Recebidos e o Índice de Preços Pagos pelos Produtores, São Paulo, Jan./2003 a Jul./2007.

**Fonte:** Elaborada a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola<sup>4</sup>.

### 3 - Entesourando os já Bem de Vida

Em artigo anterior ([www.iea.sp.gov.br](http://www.iea.sp.gov.br) - "Café: decisões adaptadas as conveniências do pecúlio"), formularam-se algumas bases técnicas que compuseram o conjunto das críticas ao Prêmio Equalizador Pago ao Produtor de Café (PEPRO - e que até o momento não foram redargüidas, permanecendo portanto válidas). Entretanto, a criatividade pró-pecúlio não tem limites e fez surgir mais uma flagrante má-fé, derivada da operacionalização do prêmio. As cooperativas que arremataram 85% dos contratos, por meio de uma espécie de alquimia interna, desvirtuaram o programa, moldando-o no sentido de incrementar ainda mais a "burra" dos bem de vida. O prêmio que em sua formulação original estabelecia por limite de pagamento da subvenção ao teto de 300 sacas por CPF/cooperado ativo cadastrado junto ao programa, foi desvirtuado (ao menos nessa cooperativa) com objetivo de concentrar repasse do dinheiro público para os bolsos dos médios e grandes produtores, reproduzindo mais uma vez a trajetória das políticas públicas brasileiras, que é a de concentrar a aplicação do orçamento com quem menos precisa.



**Fonte:** Jornal da COCATREL. Ano XXIV, n. 258, Ago. 2007<sup>5</sup>.

A última trava a ser rompida para o completo desvirtuamento do PEPRO será o pagamento da subvenção para os cafeicultores inscritos no Cadastro de Inadimplentes do Governo Federal (CADIN). Em sendo o manual de alquimias e metafísicas para a política cafeeira um livro bastante volumoso, alguma receita deverá se prestar para também essa última restrição ser

superada e, com o dinheiro público, enfim, os inadimplentes do FUNCAFE poderão saldar seus compromissos.

#### 4 - Café Coadado na Suja Água da Bacia de Pilatos

A perplexidade na sociedade brasileira alcançou ponto culminante após ser subjugada pelos ditames da pequena política. Estruturada por mafiosos conchavos e amparada por sórdidos privilégios calcados no tráfico de influências, o país sucumbe sob o vetor da falta de ética e desdenho pelo bem comum. Incrível e surpreendente é tudo arvorar sob o comando daquele que um dia cometeu a heresia de inferir sobre a existência de “trezentos picaretas no congresso nacional”. Mas, cabe uma pergunta: será que o CDPC age diferente? Desgraçadamente, o grupo que mensalmente em Brasília se reúne, já se encontra totalmente contaminado pelo vírus da miopia democrática, fazendo ouvidos moucos para as críticas à sua atuação que vez por outra surgem no contexto do agronegócio café.

Ao negligenciar as sugestões e as críticas, configura-se uma redoma plena em pusilanidade, pois se esquivam do debate e mais ainda da possibilidade de construção de decisões menos enviesadas por ambições mal dissimuladas que a cada rodada de deliberações tornam-se mais flagrantemente patentes. O episódio da segunda extinção do Núcleo de Sócio-Economia, parte integrante do Consórcio Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento do Café, foi apenas um exemplo das bizarras aberrações que nos envergonham de sermos brasileiros.

A farsa em que se tornou o conselho precisa ser desconstruída. Somente um surto de bom senso do mandatário dessa desamparada nação, poderia desencadear essa necessária mudança. Porém, no mundo de bajulação e embuste em que naufraga o presidente, lamentavelmente, por um longo tempo, o continuísmo permanecerá ditando a pauta do CDPC.

<sup>1</sup>O autor agradece ao Técnico de Apoio à Pesquisa Agropecuária Gilberto Bernardi, na coleta e sistematização dos dados básicos.

<sup>2</sup>Dados básicos do Jornal Gazeta Mercantil.

<sup>3</sup>Disponível em: [www.ipeadata.gov.br](http://www.ipeadata.gov.br)

<sup>4</sup>Disponível em: [www.iea.sp.gov.br](http://www.iea.sp.gov.br)

<sup>5</sup>Disponível em: [www.cocatrel.com.br](http://www.cocatrel.com.br).

**Palavras-chave:** mercado de café, política cafeeira.

Celso Luis Rodrigues Vegro  
Pesquisador Científico do IEA  
[celvegro@iea.sp.gov.br](mailto:celvegro@iea.sp.gov.br)

Liberado para publicação em 09/10/2007